

## Artigo

### **Entre o eu e o nós: para uma leitura sobre a formação dos vínculos sociais e da individualização em Norbert Elias**

\* Eduardo Antônio Dias Cristino

\*\* Nicolas Eduardo Pinheiro de Oliveira

#### **Resumo**

O artigo propõe apresentar conceitos centrais do pensamento de Norbert Elias a partir dos ensaios *A sociedade dos indivíduos* e *Mudanças na balança nós-eu*. Tendo como objetivo descrever a crítica de Elias à oposição entre indivíduo e sociedade, discute-se o processo de individualização como fenômeno relacional, histórico e interdependente. São abordadas categorias como figuração, psicogênese, sociogênese e autorregulação, articuladas à ideia de que os sujeitos se constituem em redes de interdependência. Trata-se de uma pesquisa teórica, fundamentada em revisão bibliográfica das obras do autor e de pensadores que dialogam com sua teoria. O trabalho é resultado de seminário desenvolvido em disciplina de Teoria Sociológica Contemporânea em curso de doutorado, e busca demonstrar a relevância do modelo eliasiano para a compreensão das tensões entre o eu e o nós nas sociedades modernas. Conclui pela atualidade da leitura apresentada como meio de abordar aspectos da sociabilidade contemporânea, em especial o alheamento e o sofrimento psíquico gerados pelo processo de individualização.

**Palavras-chave:** Norbert Elias. Relação indivíduo/sociedade. Sociologia figuracional. Teoria sociológica.

#### ***Between the I and the We: Toward a Reading of the Formation of Social Bonds and Individualization in Norbert Elias***

**Abstract:** This article aims to present central concepts of Norbert Elias's thought based on the essays *The Society of Individuals* and *Changes in the We-I Balance*. Seeking to describe Elias's critique of the opposition between individual and society, the article discusses the process of individualization as a relational, historical, and interdependent phenomenon. It examines categories such as figuration, psychogenesis, sociogenesis, and self-regulation, articulated around the idea that subjects are constituted within networks of interdependence. This is a theoretical study grounded in bibliographic research of Elias's works and of thinkers who engage with his theory. The article results from a seminar conducted in a Contemporary Sociological Theory course at the doctoral level, and it seeks to demonstrate the relevance of Elias's model for understanding the tensions between the I and the We in modern societies. It concludes by highlighting the continuing relevance of Elias's framework as a means to address aspects of contemporary sociability, especially alienation and psychological distress resulting from the individualization process.

**Keywords:** Norbert Elias. Individual/Society relationship. Figurational sociology. Sociological theory.

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [eduardosociolog@gmail.com](mailto:eduardosociolog@gmail.com)

\*\* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [pinheirooliveira864@gmail.com](mailto:pinheirooliveira864@gmail.com)

O presente trabalho pretende investigar aspectos centrais do pensamento sociológico de Norbert Elias, como aqueles relacionados à sua teoria da civilização, ao conceito de figuração e à constituição relacional da identidade individual. Partindo da crítica à oposição entre indivíduo e sociedade, o artigo se propõe a discutir de que forma Elias reconstrói essa dicotomia ao apresentar o processo de individualização como um fenômeno histórico, relacional e interdependente. Para tanto, a análise se concentrará em dois textos fundamentais do autor: o ensaio *A sociedade dos indivíduos*, escrito em 1939, e *Mudanças na balança nós-eu*, de 1987. Neles, o sociólogo alemão propõe uma abordagem que busca compreender a constituição do “eu” a partir das transformações históricas que incidem sobre as relações sociais, políticas e afetivas que os indivíduos estabelecem uns com os outros ao longo do tempo.

2

O objetivo geral deste artigo consiste, portanto, em analisar e descrever os principais conceitos mobilizados por Norbert Elias para explicar o entrelaçamento entre transformações sociais e psicológicas na constituição dos sujeitos. Tais conceitos compreendem, entre outros, os de figuração, psicogênese, sociogênese, autorregulação e *habitus*, os quais serão interpretados à luz de seu papel na formulação da crítica de Elias à falsa antítese entre indivíduo e sociedade. Parte-se da hipótese de que, ao historicizar o processo de individualização, com todas as transformações decorrentes da progressiva centralização do poder, o autor fornece as bases para uma teoria sociológica das figurações, ou, ainda, uma análise processual das relações humanas, nas quais os sujeitos são simultaneamente produtos e produtores de redes de interdependência.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza teórica, amparada em revisão bibliográfica. O percurso analítico baseou-se na leitura de obras de autoria de Elias, especificamente as duas já mencionadas, e textos complementares de comentadores especializados e pensadores das ciências sociais que dialogam direta ou indiretamente com as categorias eliasianas. Essa interlocução se justifica tanto por referências explícitas feitas por Elias em seus escritos quanto pela relevância de determinados autores para

o campo temático em questão. O cruzamento desses referenciais permite estabelecer vínculos entre o modelo teórico de Elias e debates mais amplos sobre moralidade, formação de identidade e transformações civilizacionais.

Vale registrar, por fim, que o presente artigo é fruto da elaboração de um seminário desenvolvido no âmbito da disciplina de Teoria Sociológica Contemporânea, ministrada em curso de doutorado em Sociologia. A escolha por Norbert Elias como objeto de análise deve-se à atualidade de suas formulações teóricas, bem como à sua capacidade de oferecer instrumentos analíticos sofisticados para a compreensão das múltiplas tensões entre o eu e o nós nas sociedades contemporâneas. Ao longo do texto, buscaremos apresentar, com o devido rigor conceitual, como essas tensões são representadas e quais suas possíveis implicações para o entendimento do sujeito moderno.

### **1. Percursos acadêmicos e a configuração geral do pensamento de Norbert Elias**

Nascido em 22 de junho de 1897, na cidade alemã de Breslau, atual Polônia, Norbert Elias foi um dos mais importantes sociólogos da contemporaneidade, ao lado de nomes como Erving Goffman, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Jürgen Habermas e Niklas Luhmann. Desde jovem impelido a ir para a universidade, Elias dedicou sua vida ao ensino e à pesquisa, tendo trabalhado intensamente para se consolidar nesses campos, mesmo que, com a eclosão de duas guerras mundiais, isso parecesse inalcançável. Sua saída de Breslau aos 18 anos, motivada pela convocação militar, demarca o que Elias (2001a, p. 23) chama de “o fim de um mundo”, pois reconhece que a Primeira Guerra Mundial viria a sepultar a Alemanha que conhecia.

Tendo sofrido um colapso mental nas proximidades de um dos *fronts* franceses por volta de 1916, Elias retorna a sua cidade natal, onde iniciou concomitantemente os estudos de medicina e de filosofia. Apesar de ter decidido abandonar a primeira antes da conclusão do curso, o autor reconheceu a influência que a medicina exercera em seu pensamento sociológico e afirmava não ser possível construir uma teoria da atividade humana sem saber como o organismo é construído e como trabalha (ELIAS, 2001a, p. 38). Esse ponto será retomado em considerações futuras.

Na segunda metade da década de 1920, Elias, já doutor em filosofia e psicologia, se muda para Heidelberg, a meca da sociologia da época, e lá, se aprofundou nos estudos sociológicos e ingressou na carreira universitária como professor assistente de Karl Mannheim, com quem viria a estabelecer importantes trocas intelectuais. Em suas reflexões autobiográficas, Elias (2001a, p. 45) afirma que já trazia consigo o desejo de combater a difusão do que considerava “um grande número de informações equivocadas sobre a sociedade humana”:

O que eu queria de fato era levantar o véu das mitologias que mascara nossa visão da sociedade, a fim de que as pessoas pudessem agir melhor e de maneira mais sensata; pois tinha a convicção de que uma visão assim deforma o olhar que se tem sobre as coisas. E a tese central de Mannheim, segundo a qual todo pensamento é ideologia, ia totalmente nesse sentido. Ele dava uma forma mais sistemática a uma intuição que me tomava totalmente, isto é, que tudo o que eu lia e ouvia em minhas discussões estava repleto de quimeras, de expectativas de salvação e de estigmatizações, e que precisávamos de um conhecimento sobre o mundo dos homens que fosse o mais realista possível (ELIAS, 2001a, p. 45).

4

O impulso para promover uma sociologia capaz de desmistificar determinadas concepções sobre as relações sociais acompanharia toda a carreira de Elias, a qual seria marcada pela proposta de apresentar uma visão mais realista sobre as pessoas. Estas, através das suas disposições e inclinações básicas, se orientariam umas para as outras e se uniriam umas às outras das mais diversas maneiras, constituindo teias de interdependência, como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados (ELIAS, 2008, p. 15). Assim, o fator crítico, ou o cerne da análise dos estudos eliasianos, é o desenvolvimento dessa teia de relações humanas.

A partir de 1930, Elias muda-se para a Universidade de Frankfurt, e nesse período escreve uma tese sobre *O cortesão. Uma contribuição para a sociologia da corte, da sociedade de corte e do reino absolutista*, com a qual planejava se habilitar como docente. Contudo, essa defesa jamais ocorreu em virtude da dissolução do Seminário de Sociologia da Universidade pelos nazistas em 1933, mesmo ano em que o autor decide deixar a Alemanha e se exilar na França e, posteriormente, na Inglaterra. Sua condição de intelectual em exílio e submetido a condições de vida precárias contribuiu para o reconhecimento tardio

de seu pensamento. A tese sobre o cortesão, por exemplo, finalizada em 1933, só foi publicada em formato de livro em 1969 sob o título de *A sociedade de corte*, tendo esse fenômeno se repetido com outras obras.

No entanto, desde os escritos dos anos 1930 já estão presentes os elementos essenciais do pensamento eliasiano, que, segundo Waizbort (2022), pode ser sintetizado através dos conceitos de figuração, civilização e processo social. Parte-se da ideia de que, para compreender tanto estruturas sociais de nível macro como micro, é necessário se voltar para o plano de conexões e dependências humanas que as abarcam. Assim, ao invés de investigar uma sequência de sociedades ou de indivíduos evoluindo ao longo do tempo histórico de maneira independente, Elias pretende analisar uma “linha de correlação entre os atos e realizações de atores da história e a estrutura dos grupos sociais em que eles ganham sentido” (ELIAS, 2001b, p. 42). Propõe-se, então, uma sociologia que tenha por objeto as redes de interdependências, as figurações e os processos formados pelos homens interdependentes, ou como o próprio autor nomeou, uma teoria sociológica da figuração.

5

Pode-se considerar a figuração como a unidade básica de análise da sociologia de Elias, uma vez que corresponde a uma formação social de dimensões variáveis – desde uma fila de pessoas em uma bilheteria de cinema até a sociedade burguesa dos Estados ocidentais do século XIX. Ainda que essencialmente distintas uma da outra, ambas essas formações demandam do cientista social a capacidade de perceber e investigar a dinâmica das interconexões que se estabelecem entre os sujeitos que as integram.

Além do caráter mais evidente de, tanto uma fila de pessoas, como grandes sociedades serem formadas por indivíduos em relação, destaca-se o aspecto de que esses agrupamentos são marcados pela presença de um equilíbrio móvel de tensão entre os indivíduos. Por mais insignificante que possa parecer, há forças sociais agindo em relação a cada um dos integrantes de uma fila de cinema que os impedem, por exemplo, de tomar o lugar daquele situado à frente. Esse equilíbrio pode ser rompido quando algum sujeito viola a ordem daquele agrupamento, gerando reação dos que se sentiram em uma posição desvantajosa. A depender da distribuição da força relativa daquele que violou a regra da fila ou dos que foram prejudicados, tanto é possível que a figuração se

preserve, com o retorno ou não do oportunista a seu lugar de origem após a coerção de terceiros, como que a fila se desfça e se instaure um momento de desordem até que uma nova figuração se desenvolva.

Ao mencionar um equilíbrio móvel de tensões e à presença de forças sociais no interior das figurações, Elias destaca a presença de uma dinâmica de poder em todas as relações humanas e ao fato de as forças sociais serem “forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias” (ELIAS, 2008, p. 17). Em outra leitura possível, um traço marcante das figurações é seu caráter dinâmico, ou seja, o fato de os indivíduos que as integram estarem ligados uns aos outros por nexos de dependências recíprocas e sujeitos a um equilíbrio móvel de tensões (CHARTIER, 2001, p. 13).

Uma vez estabelecido como elemento central os nexos de interdependência entre os indivíduos que constituem uma figuração, Elias pretendeu investigar como mudanças sociais e históricas afetam as estruturas psíquicas desses indivíduos. O indicador adotado para verificar essas mudanças é o processo de autorregulação, o qual representa uma primeira compreensão do processo civilizador. Esse conceito dá o título da principal obra de Elias, escrita em 1939, e que se propõe a analisar como, entre os séculos XII e XVIII, as sensibilidades e comportamentos dos indivíduos se modificaram em razão da monopolização estatal da violência e do estreitamento das relações interpessoais (CHARTIER, 2001, p. 19). Esses elementos culminaram em um maior autocontrole de emoções e afetos, ou, em outra palavras, em uma transformação de coações exteriores em autocoações.

O processo civilizador é analisado, portanto, através dessa lente lançada sobre a psicogênese, que nada mais é do que as transformações de longa duração de formas de coação exterior para formas de autocontrole e autodisciplina (WAIZBORT, 2022). Mas, ao lado da psicogênese, Elias articula uma importante investigação sobre a sociogênese, isto é, os aspectos ligados às transformações na estrutura sociais, como aquelas ligadas à centralização e formação do Estado-nação ocidental. É através de uma leitura sobre as determinações recíprocas entre sociogênese e psicogênese que Elias constrói sua teoria sobre a formação do *habitus* do indivíduo moderno civilizado.

A conexão entre os aspectos psicogenéticos e sociogenéticos constitui a tarefa da teoria da civilização de Elias, para quem “os estudos psicogenéticos isolados, sem a mais estreita relação com os estudos sociogenéticos, dificilmente podem ser apropriados para descobrir as estruturas dos processos históricos” (ELIAS, 2012, p. 40). Para reafirmar seu argumento, o autor questiona:

como seria possível explicar a transformação simultânea na estrutura de personalidade de muitos homens, sem uma referência à sociedade, ou seja, ao arranjo de relações constituído por muitas pessoas? Como é possível que mudanças psicológicas de longo prazo se tornem compreensíveis e explicáveis, se não recorremos às correspondentes mudanças sociais de longo prazo (ELIAS, 2012, p. 477-478).

A diversas dimensões desse fenômeno são abordadas pelo autor em outras obras além das já citadas, cabendo destacar o *ensaio A sociedade dos indivíduos*, também escrito em 1939, e no qual Elias confronta a problemática utilização antagônica dos termos indivíduo e sociedade e analisa os efeitos da formação daquele *habitus* moderno no processo de individualização. Esse e outros ensaios escritos em épocas distintas foram reunidos em uma publicação de mesmo nome, e é sobre ela que nos debruçaremos como maneira de aprofundar conceitos centrais do pensamento de Elias.

7

## **2. Sociedade e indivíduo como polos integrantes de um mesmo processo**

Nascemos no seio de uma família, somos educados, e, através de normas, valores e tradições, se forma nossa constituição. No interior da pluralidade humana, há dimensões que é necessário compreender, tanto no que diz respeito às definições de indivíduo quanto de sociedade. Esse indivíduo é determinado tanto por suas divergências entre o Eu e o Outro como pelas interações entre ambos. Além disso, possui representações divergentes de si, algo que Goffman (2011) define como uma espécie de máscara que ajuda a nos adequar nos diversos espaços sociais frente aos mais diversos indivíduos.

No que respeita à compreensão da sociedade, Elias apresenta duas noções comumente adotadas sobre o que ela consistiria. Seria a sociedade 1) um mero somatório desordenado de pessoas singulares ou; 2) um objeto que existe para além dos indivíduos e que não é passível de maior explicação. Ambas essas

definições possuem problemas em virtude de suas limitações, afinal, como compreender o indivíduo sem entender o espaço em que ele convive? Como compreender a sociedade sem entender aqueles que a constituem?

Tais abordagens, que partem de uma separação do indivíduo perante o social, são postas à prova desde o pensamento de Aristóteles, para quem é impossível compreender uma estrutura pelo entendimento isolado de cada parte. Dito de outra maneira, a soma das partes produz uma imagem na qual o todo é divergente e precisaria ser compreendido enquanto tal, e não analisado de forma desagregada. Contudo, a própria ideia de todo ou de totalidade não resolve satisfatoriamente o problema. Em formações sociais caracterizadas pelas relações de interdependência, “torna-se necessário não só explorar uma unidade compósita em termos das suas partes componentes, como também explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns aos outros, de modo a formarem uma unidade” (ELIAS, 2008, p. 78).

8

O autor também tensiona a problemática acerca do diálogo entre meios e fins, pois, segundo ele, “seremos também nós, como seres humanos individuais, não mais que um meio que vive e ama, luta e morre, em prol do todo social” (ELIAS, 1994, p. 17)? Em outra perspectiva, seria a própria sociedade apenas um meio, consistindo o fim no bem-estar dos indivíduos, ou o bem-estar dos indivíduos é menos importante do que a manutenção da unidade social? Elias destaca que, para as visões apresentadas, tudo que não servir para a comprovação da importância mais elevada seja do indivíduo ou da sociedade é irrelevante. Ou seja, há um conflito para definir interesses de grupos, que não oferece ganhos sociológicos. Com isso, estabelece a importância de debater como foi possível, dentro de uma pluralidade humana, a vida em comum e em uma estrutura de indivíduos interdependentes.

### ***2.1 A ilusória oposição entre indivíduo e sociedade***

Desde seu nascimento, cada indivíduo ocupa uma posição em uma estrutura a qual, ao mesmo tempo em que influencia a capacidade de mobilização de forças daquele indivíduo, também o faz em relação aos outros. Ou seja, falamos de uma estrutura que tanto fornece possibilidades de ação ao

sujeito como *lhe* é limitante. As escolhas de liberdade deste acabam sendo determinadas pelo modo relativo como o seu campo de possibilidades se relaciona com o campo de ação. Considere este exemplo: um indivíduo detém um sistema reprodutor e fecunda um determinado feto. Após alguns meses, já é possível observar uma barriga avantajada e denominar o feto como um bebê. Aquele que o gerou passa a ser identificado como genitora ou genitor e essa mudança traz repercussões no âmbito das relações com outros indivíduos, especialmente no modo como o primeiro se reconhece consigo e como os outros o reconhecem. Se uma gestante embarca em um ônibus, passa a se enquadrar em uma série de códigos morais, éticos e jurídicos. Nas sociedades contemporâneas, é possível que haja nesse ônibus um assento preferencial, o qual, por sua vez, é um reflexo das mudanças na forma de representação daquela gestante perante a coletividade. O quão constrangedor seria uma grávida subir em um ônibus e não receber o assento preferencial? Qual a origem desse constrangimento?

9

Em uma leitura eliasiana, o reconhecimento da gestante como uma detentora de direitos decorre de um determinado processo social civilizador que trouxe mudanças na distribuição de oportunidades para aqueles sujeitos. Em estágios históricos anteriores, às gestantes não eram conferidas prerrogativas como licença do trabalho, prioridades em atendimento e assentos preferenciais. Nas sociedades contemporâneas, o simples ingresso de uma pessoa nessas condições em determinados espaços é capaz de alterar as ações de terceiros, evidenciando as dependências recíprocas que atravessam os indivíduos. O fato de um homem ocupar um assento destinado a uma gestante na sua presença representa uma violação de normas tanto jurídicas quanto morais, possibilitando a reação de terceiros que podem entender que o equilíbrio móvel de forças naquela figuração está perturbado.

Por outro lado, a própria relação de uma mãe com o filho também sofreu mudanças importantes ao longo do processo civilizador. Em um esboço sobre os problemas da figuração pais-filhos nas nações industriais mais desenvolvidas, Elias (2012, p. 475) aponta para a presença de uma relação de poder mesmo entre pais e recém-nascidos. Nas figurações sociais mais antigas, essas relações de poder se apresentavam como extremamente desiguais a favor dos pais, o que se expressava na ausência de um cuidado ou de uma imagem das crianças como

sujeitos em condições especiais a demandar atenção. Em suma, “a estrutura da família, a forma socialmente dada da relação entre marido, mulher e filhos se modifica em relação e em correspondência com as mudanças que experimenta a sociedade mais ampla da qual faz parte” (ELIAS, 2012, p. 489).

Portanto, a partir dessas ilustrações, é possível compreender que Elias define sociedade como uma rede de interdependências, cujas estruturas são formadas socialmente, sendo penetradas por arranjos de forças que ordenam as relações entre as pessoas individualmente consideradas. Dessa forma:

cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação as outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”. (...) Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais” (ELIAS, 1994, p. 23).

10

Ao compreender que o indivíduo está interconectado com outros, e dessa forma estrutura suas relações com eles e consigo, tentemos entender seu modo de socialização e de realização em comunidade.

## ***2.2 Humano enquanto fruto do social***

A existência da presença simultânea de pessoas interrelacionadas faz com que o indivíduo, enquanto ser social, possa se constituir. Através do contato com o outro, se possibilita o desenvolvimento de um complexo psicológico, o qual também é parte constituinte do humano enquanto adulto. Elias alerta que essa condição acaba, consciente ou inconscientemente, por excluir a existência da criança. Ao fazermos um exercício de imaginação e recriarmos um indivíduo em nossas mentes, pensamos em um adulto como se não tivesse havido um estágio inicial no qual aprendemos a introjetar a moral da sociedade, a questioná-la ou assimilá-la.

Descobrir as crianças, para o sociólogo, implica em entender como elas vão se tornando adultas através de um “processo social civilizador que varia segundo o estado de desenvolvimento dos respectivos modelos sociais de civilização” (ELIAS, 2012, p. 469). Para além disso, a partir da estrutura do grupo no qual a criança está inserida e da posição que ela ocupa, se inicia sua

constituição enquanto indivíduo. Ou seja, ela passa a se portar frente às determinações daquela sociedade de acordo com seus códigos morais, podendo haver diferenças a depender dos diversos espaços formadores. Não apenas o grupo – o que já implica as ideias de classe, raça, gênero, sexo, religião etc. – mas também a localização influencia esse processo. A título de exemplo, pensemos que um homem negro e homossexual da periferia de Fortaleza/CE tem seu *self* constituído de maneira diversa da de um homem negro e homossexual integrante da classe média da mesma cidade. Ou ainda de outro homem negro, da periferia, mas heterossexual.

O que pretendemos demonstrar é que cada indivíduo faz parte de uma rede de interdependências que se articula com outras redes, dando vazão às mais diversas interações que constituem o sujeito. E o próprio sujeito, no interior da rede que lhe atravessa, também está ligado a outras, que vão tornando cada vez mais complexo o processo civilizador. A redes de relações tecem possibilidades sobre o indivíduo. Este, por sua vez, adentra em outras que ajuda a formar e tece novas ligações. Ou seja, a rede é um conjunto de bilateralidades, em que qualquer mudança entre os pontos pode transformar as demais relações. É um conjunto com capilaridade articulada sobre todas as interações sociais.

Nesse ponto, é importante demarcar um afastamento importante do pensamento de Elias em relação à tradição estrutural-funcionalista, especificamente no que diz respeito ao conceito de função. Como já trabalhado anteriormente, as relações sociais, enquanto conjunto de bilateralidades, é marcada por um equilíbrio móvel de tensões que predispõe as possibilidades de ação e os limites dos indivíduos integrantes da rede. No entanto, ao contrário dos teóricos de corrente estrutural-funcionalista, Elias não compreende os diferentes papéis exercidos pelos indivíduos em sociedade como o fator de agregação que permite a manutenção do agrupamento humano. Para ele:

tal como o conceito de poder, o conceito de função deve ser compreendido como um conceito de relação. Só podemos falar de funções sociais quando nos referimos a interdependências que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude. É impossível compreendermos a fundo que A desempenha relativamente a B, sem atendermos à função que B desempenha relativamente a A. Isto é o que se pretende dizer quando se afirma que o conceito de função é um conceito de relação (ELIAS, 2008, p. 84).

Ao aproximar o conceito de função com o de relação, a teoria eliasiana acaba por vinculá-lo, também, à ideia de poder, que se manifesta no entrecruzamento das forças sociais presente em todo quadro de relações humanas. Pessoas ou grupos que desempenham funções recíprocas estão constantemente exercendo formas de coerção mútua. E aqui, também é possível visualizar uma aproximação do pensamento de Elias com o de Bourdieu, em particular na ênfase dada por este na importância de se enxergar o real como relacional. Ao propor essa abordagem, Bourdieu pretende prevenir o cientista social contra uma leitura substancialista da realidade, a qual consistiria na tendência de “tratar as atividades ou preferências próprias a certos indivíduos ou a certos grupos de uma certa sociedade, em um determinado momento, como propriedades substanciais, inscritas de uma vez por todas em uma espécie de essência biológica (BOURDIEU, 2008, p. 17-18).

Ao contrário, para o sociólogo francês, pensar relacionalmente envolve considerar a existência, em cada momento de cada sociedade, de um conjunto de posições sociais, vinculado por uma relação de homologia a um conjunto de atividades ou de bens, eles próprios relacionalmente definidos. Elias, a seu modo, também atribui à temática das relações um papel central, na medida em que se debruçou sobre como se desenvolvem as teias que interligam indivíduos e como se entrelaçam os fins e ações destes.

### **2.3 Autorregulação**

Diante da alta maleabilidade das funções relacionais da vida social, das dimensões de integração e adaptação, e das tensões e conflitos, surge a necessidade de práticas de autorregulação, as quais garantem o funcionamento do conjunto de percepções comuns à média de indivíduos de uma sociedade.

Falamos, portanto, de um controle e de um autocontrole. Ou seja, de uma identidade que é modelada pela força do grupo, mas também pela relação de si com o grupo. A materialidade é condicionada pelo campo de possibilidades que se apresenta. Tais possibilidades, ou oportunidades, se definem e se limitam pela estrutura específica da rede de interdependências na qual o indivíduo está inserido. Seja qual for a possibilidade apresentada, as ações se entrelaçam com as de outros indivíduos, e as consequências decorrem da distribuição de poder e

das tensões da estrutura, em uma balança oscilante em meio ao equilíbrio móvel de tensões. Para Elias, essa perspectiva de poder é uma forma interrelacional, influenciando o processo de autorregulação e o destino do outro, com maior ou menor amplitude.

Podemos entender tal destino como uma referência relativa ao nosso campo de possibilidades, o qual é constituído por uma relação complexa entre a dimensão do possível e do provável, que gera mudanças no processo de individualização, na mesma medida em que acompanha as mudanças nas estruturas sócio-históricas. Estas influenciam o campo da ação e fazem com que nosso agir não seja indeterminado, acarretando implicações na economia psíquica dos indivíduos, ou no *habitus*. É o que veremos a seguir, ao tratarmos do conceito de “balança nós-eu”.

### **3. As causas e transformações geradas pelo processo de individualização**

Diferentemente das outras seções que integram a coletânea *A sociedade dos indivíduos*, o ensaio *Mudanças na balança nós-eu* foi escrito em uma fase mais tardia da carreira de Elias, quando o autor se debruçava sobre questões relacionadas ao contexto da globalização nos anos 1980 e do fim da tensão polarizada entre Estados Unidos e União Soviética. Apesar de manter sua preocupação acerca da problemática utilização dos termos indivíduo e sociedade, nesse ensaio, Elias identifica que, no fim do século XX, os Estado nacionais tendem a ser substituídos, como quadro de referência de unidade social, pela humanidade ou por organizações pós-estatais.

Assim, ele questiona de que modo, nessa nova geração, uma possível transição da organização predominante de sobrevivência para outra repercute na posição de cada pessoa isolada em relação à unidade social. Tal questionamento pode ser associado ao conceito de figuração já trabalhado nas seções anteriores, o qual, além de central na teoria eliasiana, também pode ser usado para explicar as mudanças na relação entre indivíduos e grupos sociais ao longo do processo civilizador. Uma vez alterando-se o equilíbrio de forças (ou de tensões) que permite a manutenção de uma dada figuração, sua estrutura é alterada, o que traz impactos na economia psíquica dos indivíduos.

Nesse ensaio, o indicador adotado por Elias para demonstrar essas mudanças figuracionais é o progressivo processo de individualização ao longo dos últimos séculos, ou as mudanças na “balança nós-eu”, conceito utilizado pelo autor para retratar um “novo modelo da maneira como os seres humanos ligam-se aos outros” (ELIAS, 1994, p. 7-8). Através da metáfora da balança, Elias pretende lançar um olhar sobre os desequilíbrios entre a identidade-eu e a identidade-nós dos indivíduos ao longo da história, ressaltando que essa relação “não se estabelece de uma vez por todas, mas está sujeita a transformações muito específicas” (ELIAS, 1994, p. 9).

Tal hipótese pode ser verificada através de uma análise da evolução histórica da oposição entre os termos indivíduos e sociedade. No mundo contemporâneo, tornou-se de tal forma corriqueira a referência à identidade-eu dos indivíduos, ou seja, à sua dimensão singular e sua diferença em relação aos outros, que se pode levar a crer que essa ênfase sempre existiu nos agrupamentos sociais em todas as suas fases de desenvolvimento. Contudo, Elias destaca que no mundo antigo, a referência ao que as pessoas tinham em comum, sua identidade-nós, era muito mais valorizada, de tal modo que inexistia um equivalente do conceito de indivíduo nas línguas antigas tal como se estabeleceu na modernidade.

A causa para isso seria a importância conferida nas sociedades antigas à identidade grupal da pessoa isolada, ou seja, à experiência do ser humano inserido em coletividades como família, tribos e o próprio Estado. Com o desenvolvimento das redes de interdependência em direção a uma maior diferenciação de funções, o conceito de indivíduo passa a ser utilizado para se referir à singularidade dos seres humanos, sendo este fenômeno relacionado por Elias à época do Renascimento, a partir de quando “a forma básica de autoconsciência e a imagem humana hoje predominantes foram se formando” (ELIAS, 1994, p. 85).

Nesse período, se identificou que as pessoas, especialmente nos países europeus mais avançados, ascenderam de suas comunidades tradicionais a posições sociais mais elevadas, gerando uma necessidade de maior comunicação a respeito de sua singularidade. Assim, ao se distinguir com mais nitidez o que era feito individualmente do que era feito coletivamente, o equilíbrio entre a

identidade-eu e a identidade-nós pendeu para a primeira. Acrescente-se a isso o aumento dos aspectos relacionados ao autocontrole, que, como visto, representa um elemento-chave para a compreensão do processo civilizador, marcado por uma regulação mais rigorosa dos impulsos do comportamento pelo indivíduo.

Essa forma específica de superego, esse cerceamento especialmente vigoroso e semi-automático de todos os impulsos e afetos direcionados para outrem, foi o que permitiu ao indivíduo – de maneira cada vez mais perceptível a partir do Renascimento – perceber-se como “sujeito” e perceber o mundo como uma coisa separada dele por um abismo, como o “objeto” (ELIAS, 1994, p. 53).

Entretanto, apesar de reconhecer a maior ênfase que a identidade-eu passou a receber nas sociedades ocidentais, Elias ressalta que essas mudanças geram tensões com uma tendência dos seres humanos à vida em grupo, o que pode ser observado na própria estrutura orgânica dos indivíduos. O sinal identificado dessa predisposição às relações grupais é a disposição biológica das crianças a aprenderem um tipo de comunicação que não interliga toda a espécie humana, mas apenas grupos específicos. E nesse ponto, surgem dois elementos da teoria eliasiana, inclusive de cunho metodológico, que merecem ser analisados.

15

O primeiro se refere à importância da abordagem sociológico-processual, ou sociologia dos processos, como ferramenta de análise dos fenômenos que se estabelecem no plano dos agrupamentos humanos. A premissa básica é a de que “o conceito de identidade humana está relacionado com um processo” (ELIAS, 1994, p. 152). Essa ideia tem a função de combater uma aparência de estaticidade que determinados conceitos podem assumir, como a do indivíduo a-histórico e despojado de laços sociais. Segundo Elias, para resolver o problema conceitual da identidade humana, é necessário dispor de ferramentas capazes de compreender a natureza processual dessa identidade e o desenvolvimento que a atravessa.

No entanto, uma problemática que dificulta o avanço dessas investigações diz respeito ao fato de os aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos do desenvolvimento serem comumente tratados em separado, constituindo, inclusive, objeto de disciplinas distintas. O autor compreende que a condição primeira para que os seres humanos se “civilizem” são disposições de natureza biológica: “um aparato físico-fisiológico-biológico do animal humano,

que é configurado (...) nos processos de vida de homens e mulheres vivendo em conjunto” (WAIZBORT, 2022, p. 305). Assim, a verdadeira tarefa de pesquisa consistiria em compreender como os aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos se entrelaçam no processo de desenvolvimento e em representar simbolicamente seu entrelaçamento num modelo teórico.

O segundo aspecto é relacionado especificamente à ideia de desenvolvimento empregada por Elias, que não se refere a um caminho percorrido pelos indivíduos com um sentido determinado ou com uma finalidade histórica. Aqui, o processo de se desenvolver, ou de se civilizar, é contingente; ele tanto pode ocorrer como não ocorrer. O que vai determinar a direção desse processo é a relação entre a evolução das formas de autorregulação individual dos impulsos – também chamada de psicogênese – e a evolução das redes de interdependência nas quais os indivíduos se encontram entrelaçados. Portanto, questão de constante interesse para Elias é investigar “como mudanças sociais e históricas vão afetar a psicogênese – e como a psicogênese também afeta o devir humano” (WAIZBORT, 2022, p. 306). Um exemplo extraído do ensaio em análise ajudará na compreensão.

Como visto, nos estágios mais antigos do desenvolvimento social, a balança nós-eu pendia mais para a identidade-nós dos indivíduos, na medida em que estes se encontravam mais ligados a unidades de integração anteriores ao Estado nacional, como famílias, agrupamentos de vizinhança e comunidades tradicionais. Conforme se consolida a figuração macrossocial representada pelo Estado moderno, ocorre uma série de processos sociogenéticos que resultam em um fenômeno de maior individualização e de mudanças nos pesos da balança. Isso se dá quando o Estado, por exemplo, avoca para si a função de fornecer proteção aos indivíduos, a qual era desempenhada anteriormente por aquelas unidades pré-estatais. Menciona-se também o avanço da individualização em massa operada quando os Estados, ao complexificarem sua estrutura, eliminam as diferenças entre as pessoas, e passam a se relacionar com elas não como membros de um grupo, mas como indivíduos, ou, quando muito, como um número de inscrição, a exemplo do Cadastro de Pessoa Física.

Quais os efeitos gerados por esse processo de individualização em massa na estrutura social de personalidade de homens e mulheres? Aqui entra em cena um problema de *habitus*, ou seja, da composição da qual brotam os aspectos pessoais, subjetivos, dos seres humanos, mas que possui uma base social inescapável e, portanto, estruturante das ações. Diante de um contexto em que a “balança nós-eu” pende decisivamente para a identidade-eu, Elias afirma que a tendência é ocorrer uma “maior exigência da capacidade de autodomínio das pessoas”, o que pode vir acompanhada de sofrimento psíquico.

No mundo contemporâneo, se multiplicam as relações não-permanentes ou potencialmente mutáveis entre os indivíduos, as quais, em estágios de desenvolvimento remotos, detinham um caráter quase vitalício. Essa mudança na estrutura das relações, que estabelece a própria pessoa como o único fator permanente, “exige do indivíduo maior circunspeção, formas de autocontrole mais conscientes e menor espontaneidade dos atos e do discurso no estabelecimento e na administração das relações” (ELIAS, 1994, p. 167). O sofrimento é gerado pelo choque entre essa característica do *habitus* contemporâneo e a necessidade humana natural de afirmação afetiva da pessoa por parte dos outros e dos outros por parte dela. Elias considera a necessidade emocional de companhia uma das condições fundamentais da existência humana, e, quando o indivíduo se vê portador de uma estrutura psíquica desprovida da identidade-nós, sofre os efeitos do abandono e da solidão. Esse problema não é considerado pelo autor como algo meramente individual ou isolado, mas como uma questão do *habitus*, e, portanto, integra a estrutura de personalidade social das pessoas na contemporaneidade.

Finalmente, um último aspecto capaz de gerar descompassos entre a configuração social e a economia psíquica dos indivíduos diz respeito à possibilidade de substituição dos Estados como unidades convencionais de integração por entidades pós-nacionais, em que o aspecto da nacionalidade perde sua força. No limiar do século XXI, Elias previa uma união gradativa dos países europeus, por exemplo, sob a forma de uma federação multilíngue ou de um Estado federativo. Contudo, esse desenvolvimento, no sentido já discutido aqui, poderia encontrar barreiras nos sentimentos e afetos que compõem a identidade-nós dos indivíduos de um ponto de vida nacional.

Após quase quatro décadas da escrita do ensaio, verifica-se que os Estados nacionais ainda mantêm considerável relevância nas dinâmicas de poder ao redor do mundo, tendo se intensificado, contudo, aquele processo de individualização e de ênfase na identidade-eu dos seres humanos. Nesse ponto, as tecnologias da comunicação e informação, representadas particularmente pelas redes sociais, operam um efeito marcante na evolução da estrutura social de personalidade dos indivíduos, sendo este um aspecto que não pode ser negligenciado na atualização de uma leitura eliasiana sobre o mundo contemporâneo.

### **Considerações finais**

Como outros teóricos que o precederam, a exemplo do próprio Durkheim, Norbert Elias estabelece como ponto de partida de suas investigações identificar de que modo e por que os indivíduos se ligam entre si. À época dos escritos dos anos 1930, o autor se opunha às tradicionais abordagens metodológicas e epistemológicas da história, pois não concebia que as sociedades em constante desenvolvimento são compostas por indivíduos livres e únicos. No lugar disso, Elias se voltou para as posições ocupadas por esses sujeitos e para as dependências que regulam o exercício da liberdade individual.

Essa leitura da experiência humana e da liberdade do sujeito como limitadas pelas redes de dependências recíprocas é uma das principais contribuições do pensamento eliasiano para a teoria sociológica, pois fornece uma chave de compreensão para a forma como os indivíduos se relacionam e supera a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. Ao longo do artigo, trabalhamos os conceitos de figuração, processo e redes de interdependência através da explicitação sobre como os seres humanos, desde o nascimento, são impelidos à vida em grupo e como as posições que ocupam interferem em sua margem de autonomia. O destaque é dado para os laços que conectam os indivíduos uns aos outros, sendo esses laços ao mesmo tempo fortes e elásticos, posto que estão sujeitos às variações que atravessam as próprias redes de interdependência. É a isso que nos referimos ao designarmos homens e mulheres como frutos do social.

A influência recíproca entre sociogênese e psicogênese constitui, também, a ferramenta de análise do processo civilizador, o qual foi representado empiricamente nas pesquisas de Elias pela evolução dos mecanismos de autocontrole individual. Assim, o objeto da sociologia histórica do autor pode ser sintetizado pela análise tanto do processo de formação do Estado ao longo do tempo, como do processo de subjetivação que o acompanhou. Há uma conexão entre a formação do *habitus* do indivíduo “civilizado”, de um lado, e a evolução estrutural das sociedades estatais de outro.

Na seção final do artigo, discutimos outra ferramenta conceitual proposta por Elias para representar a evolução desses processos de subjetivação. Por meio da ideia de uma “balança nós-eu”, o autor utiliza como indicador as mudanças na ênfase entre identidade singular e identidade grupal que acompanharam os sujeitos ao longo da história para concluir que, desde o Renascimento, ocorre um progressivo aumento da centralidade dos aspectos individuais da experiência humana. Esse processo de individualização que marca o sujeito moderno também guarda relação com aquele processo de transmissão dos controles externos em autocontrole, tão característico da civilização.

No entanto, também se identifica que essa mudança na esfera do *habitus* acarreta problemas para a experiência do ser humano socializado. Este, apesar de impelido, desde o nascimento, para a vida em grupo, vem desenvolvendo há séculos formas de subjetividade que acarretam um maior isolamento do indivíduo em relação às formas pré-estatais de sociabilidade. Em última instância, esse descompasso ocasiona sofrimento psíquico e uma sensação de alheamento, marca adicional do *habitus* do indivíduo contemporâneo.

As chaves de leitura desenvolvidas nesse artigo visam fornecer uma contribuição adicional para a compreensão do pensamento de Norbert Elias, cuja obra fornece diversas possibilidades de análise sociológica. Conclui-se reforçando uma de suas ideias centrais: a de que o desenvolvimento do sujeito caminha ao lado do de sua posição em uma rede de interdependências recíprocas. É no âmbito dessas relações recíprocas que se abre aos indivíduos espaços para decisões, sendo possível afirmar que eles são tanto mais ou menos dependentes como mais ou menos autônomos uns dos outros.

**\*Eduardo Antônio Dias Cristino** é Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Advogado e bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Contato:** [eduardosociolog@gmail.com](mailto:eduardosociolog@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6331481430754821>

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0004-0787-0567>

**\*Nicolas Eduardo Pinheiro de Oliveira** é Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Contato:** [pinheirooliveira864@gmail.com](mailto:pinheirooliveira864@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7848315553653285>

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-3816-9296>

Recebido em: **12/06/2025**

Aprovado em: **10/12/2025**

Como citar este texto: CRISTINO, Eduardo Antônio Dias; OLIVEIRA, Nicolas Eduardo Pinheiro de Oliveira. Entre o eu e o nós: para uma leitura sobre a formação dos vínculos sociais e da individualização em Norbert Elias **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 12, n. 01, e1129382, 2026.

## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Metafísica, Livros 1, 2 e 3**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2008.

CHARTIER, Roger. Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador. *In*: ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001b

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n.3, p.469-493, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2011.

WAIZBORT, Leopoldo. Norbert Elias: civilização, figuração e processo social. *In*: SELL, Carlos Eduardo; MARTINS, Carlos Eduardo. **Teoria sociológica contemporânea**: autores e perspectivas. Petrópolis: Vozes, 2022.